



Os moradores do bairro do Sossego têm esperanças de que a Cooperativa de Solidariedade venha resolver parte de seus problemas

Através de uma cooperativa, eles lutam para encontrar trabalho

Ivany Silva da Rocha, com marido doente, aposentado do Funrural e recebendo atualmente Cr\$ 40 mil mensais, cansada de tropeçar em dificuldades para sustentar os 14 membros da família, veio de Barra de São Francisco há dois anos, certa de que na cidade haveria emprego para os mais velhos. Sem ter onde morar, acabou sendo uma das invasoras do Sossego, e atualmente, com alguns filhos desempregados, outros fazendo biscates, ela encontra ainda maiores dificuldades para manter essa família.

Como Ivany, milhares vieram de todas as partes por onde corria o boato de que havia empregos nas obras de construção da Companhia Siderúrgica do Tubarão, e se fixaram com suas famílias nas imediações de Carapina, à espera de uma vaga em uma das empreiteiras que construíam a usina. Poucos conseguiram seu intento, outros, desiludidos, acabaram por se contentar com o ganho irregular vindo dos biscates. Sem estrutura para receber essa população carente, o município da Serra não teve como conter os bolsões de pobreza que se formaram nas imediações de Carapina, resultado das invasões, que representavam a solução única para quem não podia pagar aluguel. Assim se formou o bairro do Sossego, um dos mais populosos e pobres da cidade.

A situação se agravou com o término da construção da CST, uma vez que a maioria dos moradores que tinha emprego fixo passou a engrossar a fila dos desempregados e a disputa por um biscate tornou-se mais acirrada. Segundo os levantamentos feitos pela Associação de Moradores do Bairro do Sossego, numa população estimada em 13 mil pessoas, 1.050 estão desempregados, considerando homens e mulheres acima de 14 anos, idade tida como apta para o trabalho. São trabalhadores da construção civil, do comércio, de serviços domésticos e de outras áreas que precisam ingressar no mercado de trabalho ou que perderam seus empregos e não conseguem nova colocação em parte alguma. Dentre esses desempregados, mais de duzentos participaram do acampamento na Praça da Catedral, e grande parte saiu decepcionada com os resultados do movimento, que pouco alterou o quadro dramático de desemprego da região. Baseados nesse insucesso, e acossados ainda pelo desemprego e o custo de vida, os integrantes da Associação de Moradores resolveram se reunir para discutir o problema e encontrar soluções por eles mesmos.

Muitos se queixavam de que andavam todo o dia atrás de emprego e, quando encontravam alguma vaga, nunca eram admitidos por falta de referências. Daí surgiu a idéia da criação de uma cooperativa de emprego, que se ocuparia em selecionar os candidatos e estabelecer o contato com os empregadores. Um mês após o início das discussões foi oficialmente fundada, no dia 4 de agosto, a Cooperativa de Solidariedade dos Desempregados da Serra.

Instalada em Carapina, na avenida Castelo Branco, 120/ sala 102 — Ed. Dorival Nunes, telefone 228-2810, a cooperativa acolhe todos os interessados na obtenção de um emprego, funcionando como uma agência. Cada cooperativado é cadastrado com sua aptidão profissional e fica aguardando uma colocação compatível com sua capacidade. Mesmo ciente das variações salariais existentes para cada especialização, a entidade tomou como base uma remuneração média, estipulada em Cr\$ 9 mil por dia. Os cooperativados são reunidos em grupos

— A cooperativa vai funcionar principalmente como uma central de biscates, diz seu presidente, Volmer do Nascimento. Para os empregos fixos, o cooperativado só pagará a percentagem no primeiro mês de trabalho, já que ele não necessitará mais dos serviços da cooperativa, pelo menos por algum tempo.

Empresas, lojas e particulares que necessitem de qualquer tipo de mão de obra poderão dirigir-se à cooperativa, no horário de 8 às 18 horas, diariamente, e pelo próprio telefone contratar um dos cooperativados, cuja idoneidade tem o aval da entidade. Da assembléia de abertura participaram cerca de duzentas pessoas, os primeiros cooperativados, todos bastante conhecidos da direção da entidade. Os novos cadastrados deverão ser apresentados por um membro da cooperativa, que atestará a idoneidade do companheiro. Com essa medida, a organização pretende dar credibilidade ao órgão, oferecendo segurança para quem contrata um de seus cooperativados, informa o presidente.

No primeiro dia de funcionamento, com apenas uma pequena publicidade de rádio, a Cooperativa de Solidariedade dos Desempregados da Serra conseguiu encaminhar um electricista para o Clube dos Engenheiros Agrônomos, um bombeiro e uma empregada para uma residência na Praia do Canto, e os organizadores consideram que isso é apenas o começo.

— Nós sabemos que não vamos, com a cooperativa, resolver o problema do desemprego da região, mas pelo menos em nosso bairro e nos mais próximos, vamos tentar amenizar os males do desemprego, que tem deixado muitas famílias sem ter o que comer, diz o presidente Volmer. Se conseguirmos, por exemplo, que um desempregado obtenha trabalho pelo menos dois dias por semana, embora isso seja muito pouco, é sempre uma possibilidade para que o indivíduo sobreviva até a obtenção de um emprego fixo.

A história dos dirigentes da cooperativa, que trabalham sem receber remuneração, não difere muito da dos próprios moradores do bairro do Sossego. O secretário da entidade, Saintclair Luiz do Nascimento, com 24 anos, veio de Minas há três anos, acompanhando a família que buscava uma nova oportunidade na vida. Com o término das obras de Tubarão, seu pai ficou sem emprego e retornou com a família para o lugar de origem, porém Saintclair preferiu ficar por aqui, já que estava empregado como funcionário da Prefeitura da Serra. Ele concorda com Volmer quando afirma que a cooperativa não vai resolver o problema de desemprego e por isso ela se propõe a lutar também contra o subemprego.

— A cooperativa está engajada politicamente, lutando por uma transformação social, diz o secretário.

O vice-presidente da entidade, Sebastião Luiz Gonzaga, com 47 anos, aparentando muito mais velho, é carpinteiro e mora no Sossego há 7 anos. Vindo de Barra de São Francisco com a ilusão de que sua atividade aqui seria mais lucrativa, conseguiu emprego com certa facilidade até o ano passado. Depois de alguns meses licenciado para tratamento de saúde, Sebastião foi despedido no início deste ano e até hoje não conseguiu novo emprego. Para ele, a formação da Cooperativa de Solidariedade representa uma esperança de trabalho, para si e para os quatro filhos que também estão desempregados, um deles já casado e com três filhos.

— A cooperativa ainda está no início e é difícil fazer uma avaliação de

Ivany Silva da Rocha, com marido doente, aposentado do Funrural e recebendo atualmente Cr\$ 40 mil mensais, cansada de tropeçar em dificuldades para sustentar os 14 membros da família, veio de Barra de São Francisco há dois anos, certa de que na cidade haveria emprego para os mais velhos. Sem ter onde morar, acabou sendo uma das invasoras do Sossego, e atualmente, com alguns filhos desempregados, outros fazendo biscates, ela encontra ainda maiores dificuldades para manter essa família.

Como Ivany, milhares vieram de todas as partes por onde corria o boato de que havia empregos nas obras de construção da Companhia Siderúrgica do Tubarão, e se fixaram com suas famílias nas imediações de Carapina, à espera de uma vaga em uma das empreiteiras que construíam a usina. Poucos conseguiram seu intento, outros, desiludidos, acabaram por se contentar com o ganho irregular vindo dos biscates. Sem estrutura para receber essa população carente, o município da Serra não teve como conter os bolsões de pobreza que se formaram nas imediações de Carapina, resultado das invasões, que representavam a solução única para quem não podia pagar aluguel. Assim se formou o bairro do Sossego, um dos mais populosos e pobres da cidade.

A situação se agravou com o término da construção da CST, uma vez que a maioria dos moradores que tinha emprego fixo passou a engrossar a fila dos desempregados e a disputa por um biscate tornou-se mais acirrada. Segundo os levantamentos feitos pela Associação de Moradores do Bairro do Sossego, numa população estimada em 13 mil pessoas, 1.050 estão desempregados, considerando homens e mulheres acima de 14 anos, idade tida como apta para o trabalho. São trabalhadores da construção civil, do comércio, de serviços domésticos e de outras áreas que precisam ingressar no mercado de trabalho ou que perderam seus empregos e não conseguem nova colocação em parte alguma. Dentre esses desempregados, mais de duzentos participaram do acampamento na Praça da Catedral, e grande parte saiu decepcionada com os resultados do movimento, que pouco alterou o quadro dramático de desemprego da região. Baseados nesse insucesso, e acossados ainda pelo desemprego e o custo de vida, os integrantes da Associação de Moradores resolveram se reunir para discutir o problema e encontrar soluções por eles mesmos.

Muitos se queixavam de que andavam todo o dia atrás de emprego e, quando encontravam alguma vaga, nunca eram admitidos por falta de referências. Daí surgiu a idéia da criação de uma cooperativa de emprego, que se ocuparia em selecionar os candidatos e estabelecer o contato com os empregadores. Um mês após o início das discussões foi oficialmente fundada, no dia 4 de agosto, a Cooperativa de Solidariedade dos Desempregados da Serra.

Instalada em Carapina, na avenida Castelo Branco, 120/ sala 102 — Ed. Dorival Nunes, telefone 228-2810, a cooperativa acolhe todos os interessados na obtenção de um emprego, funcionando como uma agência. Cada cooperativado é cadastrado com sua aptidão profissional e fica aguardando uma colocação compatível com sua capacidade. Mesmo ciente das variações salariais existentes para cada especialização, a entidade tomou como base uma remuneração média, estipulada em Cr\$ 9 mil por dia. Os cooperativados serão reunidos em grupos e, uma vez requisitados para qualquer trabalho, 10% de sua remuneração devem ser recolhidos à cooperativa, que distribuirá esse resultado entre aqueles que, no grupo, não tiveram oportunidade de emprego.

— A cooperativa vai funcionar principalmente como uma central de biscates, diz seu presidente, Volmer do Nascimento. Para os empregos fixos, o cooperativado só pagará a percentagem no primeiro mês de trabalho, já que ele não necessitará mais dos serviços da cooperativa, pelo menos por algum tempo.

Empresas, lojas e particulares que necessitem de qualquer tipo de mão de obra poderão dirigir-se à cooperativa, no horário de 8 às 18 horas, diariamente, e pelo próprio telefone contratar um dos cooperativados, cuja idoneidade tem o aval da entidade. Da assembléia de abertura participaram cerca de duzentas pessoas, os primeiros cooperativados, todos bastante conhecidos da direção da entidade. Os novos cadastrados deverão ser apresentados por um membro da cooperativa, que atestará a idoneidade do companheiro. Com essa medida, a organização pretende dar credibilidade ao órgão, oferecendo segurança para quem contrata um de seus cooperativados, informa o presidente.

No primeiro dia de funcionamento, com apenas uma pequena publicidade feita gratuitamente por algumas estações de rádio, a Cooperativa de Solidariedade dos Desempregados da Serra conseguiu encaminhar um eletricista para o Clube dos Engenheiros Agrônomos, um bombeiro e uma empregada para uma residência na Praia do Canto, e os organizadores consideram que isso é apenas o começo.

— Nós sabemos que não vamos, com a cooperativa, resolver o problema do desemprego da região, mas pelo menos em nosso bairro e nos mais próximos, vamos tentar amenizar os males do desemprego, que tem deixado muitas famílias sem ter o que comer, diz o presidente Volmer. Se conseguirmos, por exemplo, que um desempregado obtenha trabalho pelo menos dois dias por semana, embora isso seja muito pouco, é sempre uma possibilidade para que o indivíduo sobreviva até a obtenção de um emprego fixo.

A história dos dirigentes da cooperativa, que trabalham sem receber remuneração, não difere muito da dos próprios moradores do bairro do Sossego. O secretário da entidade, Saintclair Luiz do Nascimento, com 24 anos, veio de Minas há três anos, acompanhando a família que buscava uma nova oportunidade na vida. Com o término das obras de Tubarão, seu pai ficou sem emprego e retornou com a família para o lugar de origem, porém Saintclair preferiu ficar por aqui, já que estava empregado como funcionário da Prefeitura da Serra. Ele concorda com Volmer quando afirma que a cooperativa não vai resolver o problema de desemprego e por isso ela se propõe a lutar também contra o subemprego.

— A cooperativa está engajada politicamente, lutando por uma transformação social, diz o secretário.

O vice-presidente da entidade, Sebastião Luiz Gonzaga, com 47 anos, aparentando muito mais velho, é carpinteiro e mora no Sossego há 7 anos. Vindo de Barra de São Francisco com a ilusão de que sua atividade aqui seria mais lucrativa, conseguiu emprego com certa facilidade até o ano passado. Depois de alguns meses licenciado para tratamento de saúde, Sebastião foi despedido no início deste ano e até hoje não conseguiu novo emprego. Para ele, a formação da Cooperativa de Solidariedade representa uma esperança de trabalho, para si e para os quatro filhos que também estão desempregados, um deles já casado e com três filhos.

— A cooperativa ainda está no começo, e é difícil fazer uma avaliação de seu rendimento, mas o sucesso vai depender principalmente da lealdade dos dirigentes e dos cooperativados. Se todos acreditarem na cooperativa, ela vai ser uma beleza, diz Sebastião (M.A.L.)